

## A Paleta de Cores no Pastiche do Filme *La La Land* - Cantando Estações<sup>1</sup>

Danielly Sergiana Faustino de MEDEIROS<sup>2</sup>

Daiany Ferreira DANTAS<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

### RESUMO

A paleta de cores é uma parte importante para a compreensão da estética de um filme. As cores têm o poder de representar as nossas emoções e transmitir inúmeras sensações que se destacam aos nossos olhos no decorrer da obra. No presente trabalho, observamos o processo de composição cinematográfica em *La La Land - Cantando Estações* (2016), com ênfase na relação entre a psicologia das cores e estética fílmica. Como o título já sugere, a narrativa de *La La Land* é dividida em estações, cada uma das quais trabalhada de forma a dar ao quadro cinematográfico uma atmosfera emocional e, por vezes, uma ambientação retrô, calcada na alusão a referências cinematográficas clássicas. Neste artigo é feita uma análise a partir dessa paleta de cores e do conceito de Pastiche (DYER, 2007), no filme de Chazelle, comparando-o com musicais clássicos, principalmente *Os guardas-chuvas do amor* (1964) de Jacques Demy.

**PALAVRAS CHAVE:** Pastiche, Paleta de Cores, Linguagem Visual, Comunicação Audiovisual.

### 1 INTRODUÇÃO

Em um eufórico e colorido número, com a trilha animada e cheia de significados de *“Another Day of Sun”* estamos prestes a conhecer a história dos sonhadores Mia e Sebastian, um casal prestes a se apaixonar. Assim inicia a história de *La La Land - Cantando Estações* (2016), que traz em seu título uma menção carinhosa à Los Angeles, também conhecida como *“The Big Orange”* e *“Tinseltown”*. *“La La Land”* é um filme roteirizado e dirigido pelo diretor Damien Chazelle (1985), no seu currículo, Damien têm o vencedor de três Oscars *Whiplash* (2014), além de *Rua Cloverfield, 10* (2016) e *O Último Exorcismo - Parte II* (2013). Como músico, Damien possui uma paixão especial por musicais; ele idealizou *La La Land* ainda em 2010, no entanto, parecia ser um sonho

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [daniesfmedeiros@gmail.com](mailto:daniesfmedeiros@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Social na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: [daiany@gmail.com](mailto:daiany@gmail.com)

distante para o diretor iniciante, uma vez que filmes musicais não são os preferidos do público e nem tampouco os mais visados dentro da indústria. A ideia de Damien com *La La Land* era retomar os clássicos musicais acrescentando elementos verossímeis da atualidade, homenageando os artistas que seguem o sonho de se tornarem atores e saudando, claro, os musicais clássicos da história do cinema americano; esses foram os elementos fundamentais para a criação do pastiche - ovacionado pela crítica e indicado a 14 Oscars - *La La Land*. Uma obra repleta de referências aos musicais clássicos de Hollywood, o filme não poupa nas homenagens. Os passos já executados antes por Fred Astaire e Ginger Rogers em *Shall We Dance?* (1937), um plano com uma variedade de letreiros de neon igual a *Singing In the Rain* (1952), uma sequência com os delírios visuais de *Sinfonia de Paris* (1951) e a narrativa agridoce da inspiração-mor *Os Guarda-Chuvas do Amor* (1964), são algumas das homenagens e referências trazidas com elegância pelo diretor.

O filme narra a história de Mia, apaixonada por teatro e cinema, fã de Ingrid Bergman, que vive em Los Angeles em busca do seu sonho de se tornar uma conhecida e respeitada atriz. Mia, que é vivida por Emma Stone, trabalha em uma cafeteria que está dentro (coincidentemente ou não) dos estúdios da Warner; Mia vive inserida dentro dos estúdios, frequenta as festas dos artistas, faz incansáveis testes de elenco, mas não conseguiu nenhum papel ao qual concorreu. Do outro lado, está o fã de jazz Sebastian, interpretado por Ryan Gosling, que sonha em ser um artista respeitado e em abrir um clube de jazz onde possa tocar clássicos do estilo e ter autonomia na escolha do seu repertório, uma vez que é submetido a tocar outros estilos para poder se sustentar, tocando em bandas *covers* e bares de gêneros distintos.

Em um desses bares, ele tem o primeiro contato com Mia, que é friamente ignorada quando resolve elogiar a performance do pianista que acabara de ser demitido - justamente por tocar jazz -. O reencontro acontece pouco tempo depois, em uma daquelas festas de artistas que Mia costuma frequentar, os dois então engatam uma conversa cheia de ironia e reproduzem cenas clássicas já citadas acima, como o sapateado de *Shall We Dance* (1937) e a clássica cena do poste de *Singing In The Rain* (1952), iniciando aí uma enxurrada de homenagens e referências pastiches de outras obras clássicas dos musicais.



Figura 1: Comparação de uma cena de La La Land com Cantando na Chuva.

Fonte: <http://universoretro.com.br/wp-content/uploads/2017/01/lalaland-referencias-cantandonachuva.png> Acessado em: 02/04/2017.



Figura 2: Comparação de uma cena de La La Land com Shall We Dance?

Fonte: <http://www.iamag.co/features/itsart/wp-content/uploads/2017/01/lalaland4.jpg> Acessado em: 02/04/2017.

O objetivo principal do trabalho é analisar o uso das paletas de cores como principal elemento comunicativo no filme *La La Land* (2016), fazendo uma análise comparativa dessa obra de pastiche, com os filmes que inspiraram a produção, já citados anteriormente, como o musical *Os Guardas-Chuvas do Amor* (1964). O uso consciente das cores na narrativa e no visual do filme facilita a compreensão dos personagens, do saudosismo e das homenagens intencionais do diretor por meio do audiovisual, na tentativa de descrever cada “estação” e cada sentimento dos personagens, bem como as mudanças visualmente destacadas através de sua paleta de cores, como parte da *mise en scène* da obra.

O uso da análise das imagens neste artigo, ocorre a partir de cenas da obra cinematográfica em questão, assim como das referências e inspirações para a produção do filme. As análises apresentadas possuem embasamento teórico com referencial em estudos bibliográficos, com destaque para os autores Donis A. Dondi (2003), Eva Heller (2013) e Richard Dyer (2007).

## 2 O PASTICHE

Em uma tradução informal o Pastiche quer dizer “imitação”, “jocoso”, “imitação ruim”. Essa tensão criada constitui a arte do pastiche, considerada por Fredric Jameson (1983, p. 114) uma “paródia vazia”. Já segundo Richard Dyer (2007), o pastiche, apesar de ser utilizado amplamente de forma pejorativa nem sempre é uma cópia ruim ou de segunda categoria” (Dyer, 2007) também acredita que para se analisar um trabalho pastiche devemos agrupar elementos oriundos de outras obras. Pastiche é uma palavra que vem da tradução italiana para “pasticcio”, que seria nada mais que uma torta com diversas misturas no seu ingrediente, essa ideia de mistura do prato, foi aplicada à arte, usando o termo que conhecemos como Pastiche.

Podemos chamar *La La Land* (2016) de pastiche, pois, a influência das obras antigas no desenvolvimento da narrativa e no desenvolvimento das cores no visual da obra são evidentes referências, numa trama que as funde sem que deixe de ser uma obra completa em sua estrutura, e segundo Dyer, em suas várias traduções para o termo diz que o pastiche é “Algo que se assemelha a outra coisa sem ser uma imitação direta desta.” (Dyer 2007, p. 7). Dessa forma, temos uma obra repleta de inspiração, alusão a obras anteriores, mas com uma história singular, distinta e contemporânea.

## 3 ANÁLISE DAS CORES

Cabe observar como a escolha das cores possui um papel importante ao transmitir climas e emoções ao espectador, bem como elas acabam sendo um elemento central da expressão narrativa. Isso acontece em *La La Land* (2016), a fotografia e os elementos que a compõe são utilizados para nos habituar em qual estação e ambiente estamos no momento. O Design de Produção de *La La Land* ficou nas mãos do casal de diretores de arte, David Wasco e Sandy Reynolds-Wasco, os dois já são conhecidos por terem trabalhado com Quentin Tarantino em obras como *Pulp Fiction* (1994) e *Bastardos Inglórios* (2009). A direção de fotografia ficou no comando de Linus Sandgren, rendendo ao trio duas estatuetas do Oscar por Melhor Design de Produção e Melhor Fotografia.

Existem três cores principais no filme: O branco, vermelho e azul. As demais cores - com exceção do amarelo, que apesar de não ser a principal cor, é a cor que

possui mais destaque em Mia - surgem como cores secundárias ou complementares das três primeiras.

### 3.1 AZUL

O azul é a primeira cor que *La La Land* nos apresenta, a tela é totalmente dominada por tons azulados quando Mia faz a sua primeira audição, como exemplificado na imagem abaixo.



Figura 3: Captura de tela do filme *La La Land* (2016).

Alguns segundos depois, já na sua casa - completamente dominada pelos três tons primários, branco vermelho e azul - Mia aparece em seu quarto com um papel de parede com a imagem de Ingrid Bergman, também vestida de azul. Copiosamente, Mia também usa o vestido azul no número de *Someone in The Crowd* e logo mais encontra Sebastian, que também se encontra com as vestes azuis.



Figuras 4 e 5: Capturas de tela do filme *La La Land* (2016).

Há uma expressão em inglês: *feeling blue* (sentir-se azul), usada para ilustrar momentos com cargas emocionais negativas, como a melancolia, nostalgia e conseqüentemente, a tristeza. No caso do filme, o uso dessa cor em especial irá ajudar na compreensão inconsciente da personagem por parte do espectador, além de aspectos da sua personalidade naquele dado momento da narrativa. No livro “A Psicologia das Cores”, de Eva Heller (2013), por exemplo, podemos analisar, que a cor azul não está relacionada somente ao efeito do sentimento, mas também às virtudes intelectuais de perspectivas: “O azul é a principal cor das virtudes intelectuais. Seu acorde típico é azul

e branco. Essas são as principais cores da inteligência, da ciência, da concentração” (HELLER, 2013, p. 32). Podemos dizer que o azul, com essa representatividade nostálgica, representa a arte do passado de Mia, suas lembranças infantis e desejos de ser uma estrela, simbolizado na imagem da Ingrid Bergman.

### 3.2 VERMELHO

Assim como o azul, o vermelho também nos é apresentado logo no início do filme quando uma atriz famosa visita o café em que Mia trabalha. O fato desta personagem usar justamente essa cor é simbólico para a narrativa, pois podemos deduzir que o vermelho, a partir de agora, representa o futuro, a paixão, sua arte e a sua carreira.



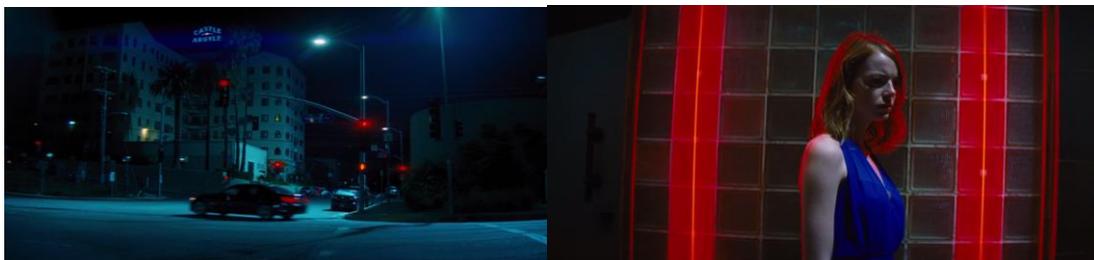
Figura 5: Captura de tela do filme La La Land (2016).

No entanto, há outro momento em que essa conclusão fica mais clara; no início da cena, temos ainda a predominância do azul na cor total de tela, com pequenos destaques em vermelho, como exemplificado na Figura 6, logo em seguida, temos uma cena em que Mia está caminhando e escuta a música de Sebastian, nesse momento, forma-se uma moldura na cor vermelha, como se estivesse emoldurando uma obra de arte, que podemos interpretar como duas coisas: a própria Mia e a música tocado ao fundo, vide Figura 7. Essa interpretação corrobora com a atriz de vermelho lá no começo, ela também representa a paixão pela arte. Outra coisa também começa a partir dessa sequência, a paixão de Mia pela arte de Sebastian, apesar de ter sido completamente ignorada por ele.

Mais adiante, agora no primeiro contato de Sebastian com Mia, a cor vermelha vem representada nele, que está trajando uma jaqueta vermelha quando conversa com Mia pela primeira vez, Figura 8.

Do amor ao ódio – o vermelho é a cor de todas as paixões, as boas e as más. Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constrangimento ou por paixão, ou por ambas as coisas simultaneamente. (...) Quando se perde o controle sobre a razão, “vê-se tudo

vermelho”. Pintamos os corações de vermelho, pois os enamorados acreditam que todo o seu sangue afluí ao coração. (HELLER, 2013, p. 103).



Figuras 6, 7 e 8: Capturas de tela do Filme *La La Land* (2016).

Quanto à representatividade da cor no sonho de Mia, acreditando ser sua grande chance, quando ela é convidada para uma audição, ela vai até lá vestindo uma jaqueta vermelha, vide Figura 8. No entanto, quando ela falha no processo, frustrada, sua primeira reação é retirar essa mesma jaqueta. Na sequência dessa cena, no carro, enquanto se dirige a sua casa, ela vai observando o cenário nostálgico dos cinemas antigos de Los Angeles, nesse momento os tons são novamente retomados pelo azul, dessa forma entendemos que a junção dessas duas cores alimenta a teoria do futuro (vermelho) e do passado (azul).



Figuras 9, 10 e 11: Capturas de tela do filme La La Land (2016)

### 3.3 BRANCO

A cor branca quase nunca aparece em primeiro plano, uma vez que, por conta dos filtros, até as paredes brancas ganham uma outra tonalidade. Deste modo, observa-se que o branco está mais nos detalhes secundários, na iluminação e nos backgrounds, a cor inclusive serve de união para as outras duas cores, azul e vermelho, como podemos observar na Figura 9. O cinema é uma questão do que está na tela e do que não está na tela. O branco é exatamente isso, esse contraponto nas duas outras cores, cheias de signos e significados. Heller cita que:

Vermelho e branco são opostos: a força contra a fraqueza, a atividade contra a passividade, o fogo contra o gelo. O rosa é o meio termo ideal entre os extremos: um poder brando, uma energia não frenética, a mais agradável temperatura para o corpo. (HELLER, 2013, p.215)



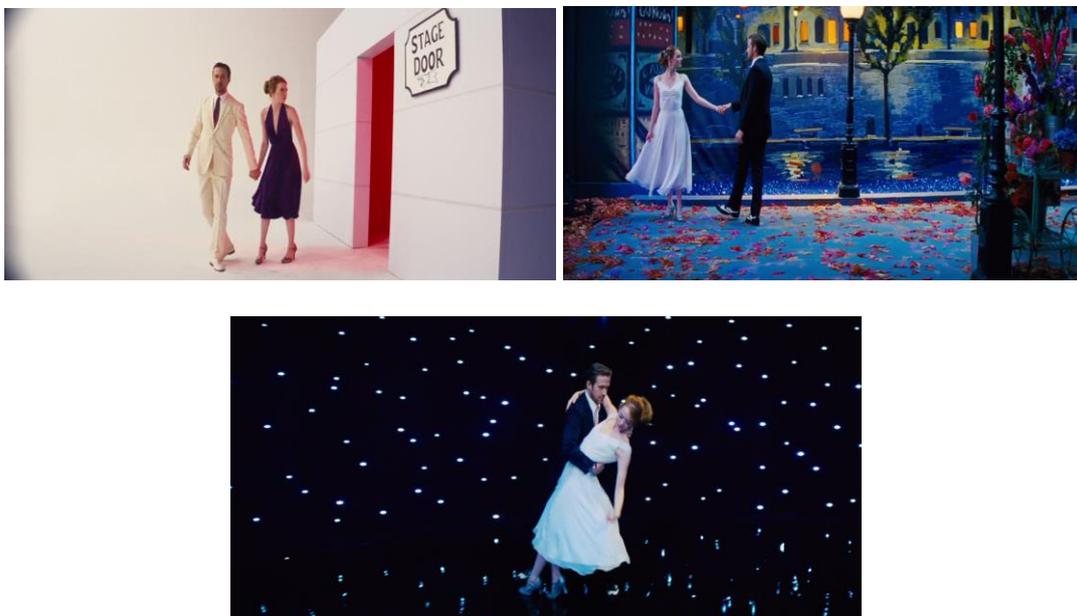
Figura 12: Créditos da Imagem:

[http://cdn3.thr.com/sites/default/files/2016/12/III\\_publicity\\_-\\_embed\\_6\\_2016.jpg](http://cdn3.thr.com/sites/default/files/2016/12/III_publicity_-_embed_6_2016.jpg)

Acessado em 23/04/2017.

O grande destaque da cor, no entanto, vem nas cenas do epílogo, quando temos uma sequência *what should have been* (o que deveria ter sido) no final da trama. Essa sequência é muito simbólica e o fato do branco estar presente é bastante representativo, vide Figuras: 13, 14 e 15. Nesta, tanto Mia quanto Sebastian estão usando roupas brancas, em momentos distintos. Essa sequência, representa uma realidade paralela, com evolução narrativa configurando um final feliz para o casal protagonista que não é possível no clímax do plano real do filme. O branco representa os aspectos fantásticos da arte e da fantasia de *hollywood*, principal tema do filme. Uma vez que Mia e Sebastian não ficam juntos, o que poderia para alguns ser o final perfeito, nesse cenário

lúdico, a “tela branca” está ali para ser desenhada da forma que quiser, eles puderam então, literalmente dançar entre as estrelas.



Figuras 13, 14 e 15: Capturas de tela do filme La La Land (2016)

Se formos juntar as três cores principais, o azul, branco e vermelho, essas cores, como já analisamos, estão conectadas à arte e à personalidade de Mia, seus sonhos e sua carreira. Quando juntamos essas três cores teremos também outro símbolo: Mia ao alcançar o sucesso, vai para Paris - França. Coincidentemente, ou não, a bandeira da França é composta justamente pelas três cores principais.

#### 4 CORES COMPLEMENTARES

O fato da obra ser um Pastiche de várias outras obras, sobretudo de filmes que ainda eram produzidos em preto e branco, dá ao diretor a licença criativa de ousar na escolha delas. A personagem principal, Mia, possui um guarda-roupa muito alegre, as cores de suas vestes muitas vezes são o ponto central da cena, como já analisamos anteriormente. Os detalhes em Mia sobressaem aos demais elementos do frame, seja por sua roupa completa, ou acessórios como bolsa, casaco e sapato; como citado anteriormente, algum ponto de Mia será destacado com uma cor vibrante, na maioria das vezes, o amarelo.

A experiência mais elementar que temos do amarelo é o Sol. Esta experiência é compartilhada por todos como efeito simbólico: como cor do Sol, o amarelo age de modo alegre e revigorante. Os otimistas têm uma disposição ensolarada, o amarelo é sua cor. O amarelo irradia, ri, é a principal cor da disposição

amistosa. Os bottons com sorrisos são naturalmente amarelos. O amarelo é lúdico. O amarelo irradia como um sorriso (HELLER, 2013, p. 85).



Figura 16: Exemplo dos tons vibrantes encontrados no figurino de La La Land. Créditos da Imagem: <http://theplaylist.net/wp-content/uploads/2016/12/La-La-Land-1-1000x520.jpg> Acessado em: 28/04/2017

A escolha dessas cores vibrantes para representar a personagem, constatamos, remete a uma psicologia das cores, essas tonalidades aludem à ingenuidade e insegurança, que são alguns traços que podemos associar a Mia. Em *Os Guarda-Chuvas do Amor* (1964), Geneviève, protagonista vivida por Catherine Deneuve, possui um guarda-roupas com tons muito semelhantes aos de Mia, o fato dessas cores terem uma sequência gradativa, mudando de padrões ao longo da narrativa do filme, também se assemelha muito ao que foi feito em *La La Land* (2016), exemplos nas Figuras 17 e 18.

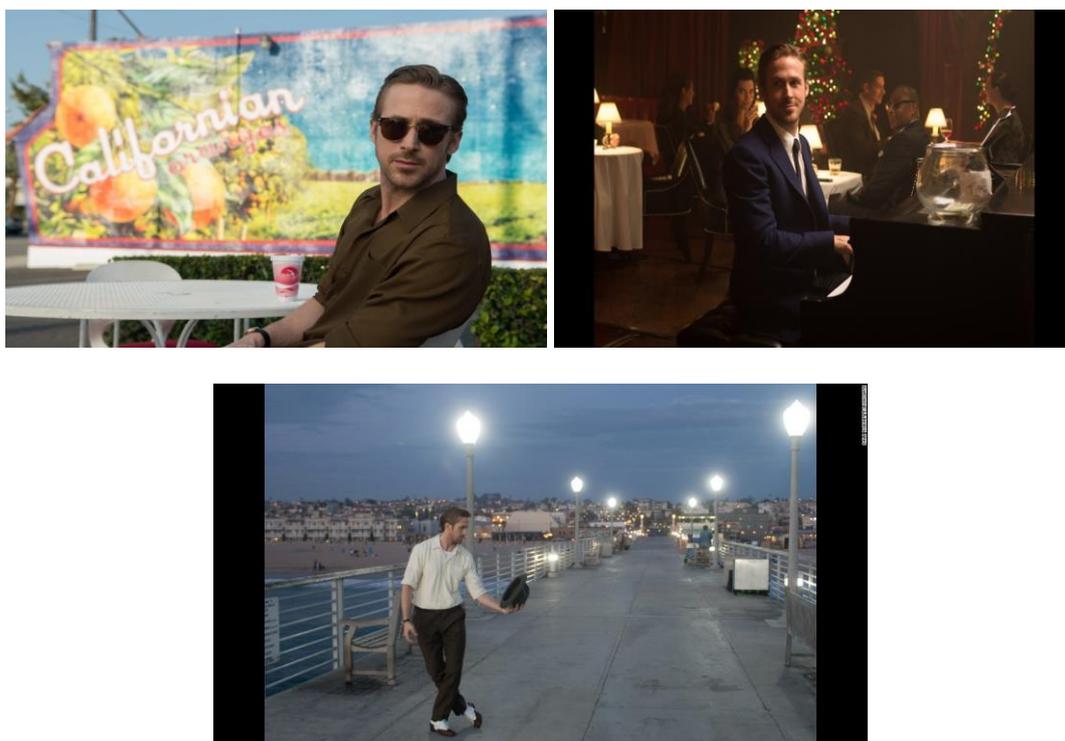


Figuras 17 e 18: Capturas de tela dos filmes:  
*Os Guarda-Chuvas do Amor* (1964) e *La La Land* (2016).

Já o personagem Sebastian, diferente de Mia, possui uma personalidade mais pragmática em seus objetivos, muitas vezes, durante a trama, também expressando melancolia e tristeza, sobretudo nas letras de suas composições de jazz. Esses fatores também podem ser destacados em suas roupas. Cores como o branco, cinza, marrom e menos nuances vibrantes na fotografia estão presentes em seu figurino, inclusive, um filtro com a iluminação mais baixa reforça esses traços do personagem.

Cores como o marrom, por exemplo, podem ser associadas aos sentimentos de descontentamento e estagnação. “A maioria dos conceitos encarados como ‘tipicamente marrons’ são empregados de maneira negativa. (...) O marrom é tido também como feio e vulgar. É a cor da preguiça e da imbecilidade.” (HELLER, 2013, p.255).

Dondis diz que “O grau de influência da fotografia em todas as suas inúmeras variantes e permutações constitui um retorno à importância dos olhos em nossa vida” (Dondis 2003, p. 13.). Esse contraponto às cenas em que aparecem unicamente Mia, é essencial para observarmos as diferenças presentes nesses dois personagens, enquanto um transmite mais esperança, alegria, obsessão e paixão, outro nos transmite estabilidade e contenção. O figurino de Sebastian também possui elementos de pastiche, uma vez que é inspirado nos galãs dos anos 1930 a 1950, e no figurino de algumas obras dessas épocas, como, por exemplo, no estilo de Fred Astaire.



Figuras 19, 20 e 21: Exemplos dos tons do personagem Sebastian.

Créditos das Imagens: <http://www.trbimg.com/img-581c729d/turbine/la-ca-mn-holiday-sneaks-la-la-land-locations-20161027> - <http://i2.cdn.cnn.com/cnnnext/dam/assets/161212130449-02-la-la-land-los-angeles-locations-super-169.jpg> e <http://i2.cdn.cnn.com/cnnnext/dam/assets/161212130537-03-la-la-land-los-angeles-locations-super-169.jpg> Acessado em: 22/04/2017.

No decorrer da narrativa, as cores vibrantes de Mia, vão sendo substituídas por tons mais sóbrios e calmos, até mesmo o filtro de imagem do filme é adaptado para um

tom mais gélido e menos nítido, o brilho também é reduzido. Nesse momento da obra já temos uma Mia mais centrada, apaixonada e vislumbrando o seu futuro, é nessa parte inclusive, que podemos observar a atemporalidade do filme e as referências a musicais clássicos, como elementos de uma “mise en scène” de pastiche, evidenciando uma atmosfera *vintage*.



Figuras: 22, 23 e 24: Imagens de La La Land

Créditos da Imagem: Figuras 22 e 23: Capturas de tela do filme La La Land (2016)

Figura 24: [https://i.ytimg.com/vi/CZB\\_Km923v0/maxresdefault.jpg](https://i.ytimg.com/vi/CZB_Km923v0/maxresdefault.jpg)

Acessado em: 22/04/2017.

Ao longo dos números musicais do filme, se estabelecem cores chapadas e vibrantes que veremos na tela. Como, por exemplo, nas cenas da Figura 25, mesmo que não mais tão vibrante, a cor presente em Mia ainda se destaca dos demais na cena. Enquanto Sebastian, na mesma cena, se destaca apenas com feixes de luzes brancas.



Figuras 25 e 26: Capturas de tela do filme La La Land (2016).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise prévia da psicologia das cores, das influências retrô e das pesquisas feitas tanto através do pastiche quanto da sintaxe da linguagem visual, com o foco no uso das cores principais e complementares no desenrolar da narrativa, os seus signos e simbologias, observamos a relevância da paleta de cores, em sua alusão tanto aos aspectos psicológicos quanto às referências artísticas que referenciam a obra, na comunicação visual do filme *La la land* (2016), As cores atuam na construção de uma atmosfera fílmica e na transmissão de mensagens, permitindo uma compreensão emocional do filme.

Também constatamos que a cor no ambiente cinematográfico é um traço afetivo e referencial nessa análise no campo psíquico-sensorial, que nos mostra a importância de compreender de que forma detalhes do design de produção das obras, tais como a escolha das cores, têm um impacto no resultado final, podendo construir a narrativa como elemento central no processo de comunicação.

## 6 REFERÊNCIAS

- DYER, Richard. **Pastiche**. 1 ed. New York: Routledge, 2006. 222p.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3 ed. Brasil: Martins Editora, 2007. 248p.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 311p.
- JAMESON, Fredric. **Postmodernism and consumer society**. In: FOSTER, Hal (Ed.). *The anti-aesthetic: essays on postmodern culture*. Seattle: Bay Press, 1983. p. 111-125

## 7 FILMOGRAFIA

**La La Land - Cantando Estações (La La Land)**. Direção: Damien Chazelle. Produção: Fred Berger, Jordan Horowitz, Gary Gilbert, Marc Platt. Summit Entertainment, 2016. 128 min, cor.

**Os Guarda-Chuvas do Amor (Les Parapluies de Cherbourg).** Direção: Jacques Demy. Produção: Mag Bordad, Gilbert de Goldschmidt. Parc Filme, 1963. 91 min, cor.